

Prefácio

Gestos, espaços, presenças e ausências das crianças, adolescentes e jovens em contextos educacionais no Brasil

Claudia Panizzolo*

Em uma noite estrelada do ano de 1555, possivelmente como resposta à missiva do padre Manuel da Nobrega solicitando ao Rei D. João que enviasse órfãs brancas para se casarem com os homens que no Brasil habitavam, aportou a caravela *Senhora Inês*, com suas velas rotas entre tantas outras avarias. Dentre as passageiras as órfãs enviadas pela rainha de Portugal.

De um lado o sonho e as fantasias das meninas órfãs, que tinham aproximadamente entre 12 e 16 anos, de outro o desamparo, a brutalidade e os conflitos dos homens que tentavam a vida e a sorte no desmundo. Vieram para casar-se, para procriar, para evitar que os cristãos se deitassem com as escravizadas, conhecidas como as negras da terra, pagãs.

Um das juvenzinhas era a dona Bernardinha, que poucos dias após o desembarque, tal como as demais meninas se casou com um desconhecido, para viver em terras longínquas, em que o clima, a natureza, os bichos, a alimentação, enfim, nada lhe era familiar. O pior, no entanto, estava por vir:

O perro do esposo dela fazia servir sua mulher por dinheiro, que se fez uma espera na frente da vivenda e dela se ouviam os gritos, deles os risos, uns davam, por isso uma moeda, outros um pedaço de uma qualquer coisa, não havendo ali um padre que pusesse fim a tal desmando... (MIRANDA, 2003, p. 151).

Desta forma Ana Miranda, em seu livro *Desmundo*, nos apresenta a vida das meninas e adolescentes no Brasil, fossem europeias recém-chegadas, ou nativas

* Pós-doutorado pela Universidade de Caxias do Sul - UCS e Università degli Studi de Molise-Itália. Doutora em Educação (2006) e Mestra em Educação (2001), pela PUC/SP. Graduada em Pedagogia pela USP (1991). Professora Associada II na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo - EFLCH - Unifesp. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Infância, Cultura, História (GEPICH). Pesquisadora no GRUPHEIM da Universidade de Caxias do Sul - UCS e pesquisadora no TRANSFOPRESS BRASIL - Grupo de Estudos da Imprensa em língua estrangeira no Brasil.

E-mail: claudia.panizzolo@unifesp.br

escravizadas. Mas sempre mulheres, e como tal, consideradas como portadoras de mau agouro durante a travessia do oceano e, depois em terra firme, suscetíveis ao espírito maligno, devendo buscar no trabalho e amor a Deus, a disciplina do corpo e a glória celestial.

Há alguns anos que me interesso pelo mundo infantil do passado. O entrelaçamento de leituras de diferentes textos tornou-se progressivamente um exercício de reflexão, do qual eu não apenas obtenho informações, mas também me sinto muito estimulada a pensar acerca dos diversos modos de viver a infância e ser criança. Dentre estes textos encontra-se a literatura brasileira, sobretudo os romances, como *Desmundo*, mas também tantos outros em que meninos e meninas brincam, trabalham, sonham, frequentam escolas, aprendem, algumas vezes apesar de seus professores, ganham, perdem, enfim, vivem.

No universo dos bens culturais, a expressão literária pode ser compreendida como uma possível forma de representação social e histórica, como testemunha de uma época, como afirma Borges (2010, p. 98-99):

Sendo a literatura uma forma de ler, interpretar, dizer e representar o mundo e o tempo, possuindo regras próprias de produção e guardando modos peculiares de aproximação com o real, de criar um mundo possível por meio da narrativa, ela dialoga com a realidade a que se refere de modos múltiplos, como a confirmar o que existe ou propor algo novo, a negar o real ou reafirmá-lo, a ultrapassar o que há ou mantê-lo.

A literatura é uma fonte para o/a historiador/a ao fornecer um testemunho de si próprio/a, aportando não o tempo da narrativa, mas o tempo em que a narrativa foi escrita; uma fonte que permite aproximação das infâncias e das crianças de outros tempos e espaços. Quais fontes nos permitem igualmente conhecer as crianças, adolescentes e jovens do passado?

O livro *Infâncias e juventudes em contextos educacionais no Brasil*, organizado pelas professoras Camila Serafim Daminelli e Miriam Fernandes Muramoto e pelo professor Jorge Luiz Zaluski, apresenta uma expressiva variedade de fontes que nos possibilitam uma aproximação com a história da infância e da juventude por meio de relatórios de irmandades religiosas, regimentos internos de asilos, livros de visitas, documentos instrucionais, projetos pedagógicos, oficinas, ordenamentos legais, relatórios entre outros.

O tratamento destas fontes muitas vezes aponta para as condições que Ferrari (2012) denominou como sendo de privação e de negação das competências e

habilidades das crianças, sobretudo por sua condição de menor, de incapaz, de vir a ser, que necessita ser cuidado, amparado e protegido pela escola e pela família, na rua e no trabalho, enfim, em todos os lugares que são projetados para elas, e que geralmente nada ou pouco preservam da escrita, dos desenhos, das vozes das próprias crianças.

Tomamos de empréstimo de Becchi duas categorias que auxiliam a pensar as potencialidades destas fontes. A primeira é a de *espelho da história*, ou seja, “[...] do pedagogo, do pai, uma imagem completa do destino da criança, que ainda está em formação, que se caracteriza por aquilo que ainda não é” (FERRARI, 2012, p. 11). A segunda categoria, denominada de *modelo*, se entrecruza com a anterior, ao afirmar que “[...] ao pequeno, filho, escolar, aprendiz, é solicitado que imite seu pai, professor; porque o mestre o faz de forma mais rápida e perfeita” (BECCHI, 1995, p. 413). Essas fontes nos contam sobre intenções, prescrições, imposições, desejos; nos dão pistas das crianças que se pretendia formar, dos valores que se anseava inculcar; e conseqüentemente, nos permitem hipotetizar, que as crianças e adolescentes reais se comportavam, reagiam, respondiam de uma determinada forma, e que tais normativas e regimentos buscavam modificar.

No livro *Infâncias e juventudes em contextos educacionais no Brasil* as crianças, adolescentes e jovens são alcançados por outras fontes. Por meio de observações, entrevistas, desenhos, expressões artísticas e diários, os autores buscaram conhecer as vozes, os desejos, as necessidades, as frustrações, de um modo, digamos, direto, delas por elas mesmas, e não mediada pela memória ou pelo registro de um adulto.

Por certo que esta possibilidade de ver e ouvir as crianças, adolescentes e jovens foi favorecida pela perspectiva teórico-metodológica adotada, a da História do Tempo Presente, que, segundo Delgado e Ferreira (2013, p. 25), “[...] refere-se a um passado atual ou em permanente processo de atualização. Está inscrito nas experiências analisadas e intervém nas projeções de futuro elaboradas por sujeitos ou comunidades”. Estudar os sujeitos históricos ainda vivos permite problematizar as tensões e as repercussões das experiências vividas por aqueles/as que as estão vivendo, ou as viveram muito recentemente, bem como permite ao pesquisador produzir, ele próprio, fontes documentais para suas investigações.

Infâncias e juventudes em contextos educacionais no Brasil apresenta aos leitores e leitoras possíveis itinerários de pesquisa sobre as crianças, adolescentes e jovens, desde os mais privilegiados até aqueles considerados fora da norma prescrita, inclusive os que inventam a própria norma. Os textos apontam para as prescrições do

Estado, da Igreja, da escola e da família, mas também para as apropriações realizadas pelos próprios sujeitos.

As diferentes abordagens presentes neste livro propiciam oportunidades de confronto, de troca, de aprendizado e de empatia, como assevera Bourdieu (1993, p. 10) sobre a postura do pesquisador frente aos seus sujeitos, de “[...] não deplorar, não rir, não detestar, mas compreender”. Com embasamento em fontes variadas, os autores e autoras dos capítulos ajudam a enfrentar o desafio de dar um lugar digno a esses sujeitos na produção de conhecimento como contribuição para assegurar-lhes um lugar melhor na sociedade. Afinal, como afirmou Duby (1998) para que serviria a história senão para ajudar a termos confiança no futuro e lidarmos com mais recursos com as dificuldades enfrentadas no cotidiano?

Uma boa leitura!

Referências

BECCHI, E. L'esempio e le sue vicende nella storia dell'educazione: punti di vista a confronto. **Mélanges de l'École Française de Rome**, Italie et Méditerranée, v. 107, n. 2, p. 413-417, 1995.

BORGES, V. R. História e Literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, ano 1, n. 3, p. 94-109, jun. 2010.

BOURDIEU, P. (Org.). **A Miséria do mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

DELGADO, L. de A. N.; FERREIRA, M. de M. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013.

DUBY, G. **Ano 1000, ano 2000**: na pista de nossos medos. São Paulo: Unesp, 1998.

FERRARI, M. (Org.). **I bambini di una volta**; problemi di método, studi per Egle Becchi. Milano: FrancoAngeli, 2012.

MIRANDA, A. **Desmundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.